EXEGESE DE 1 COR 11, 2-16 EM RELAÇÃO A USOS E COSTUMES

Keila Matos

Resumo: *exegese de 1Cor11, 2-16 para uma releitura da perícope em se tratando de questões de usos e costumes no primeiro século a fim de perceber como e por que elas causam influências em igrejas cristãs contemporâneas.*

Palavras-chave: *cartas paulinas, cristianismos originários, usos e costumes, igrejas contemporâneas*

TRADUÇÃO LITERAL DE 1 Cor 11, 2-16

[2] *Louvo pois a vós porque tudo de mim recordais e conforme transmiti a vós as tradições conservais.*
[3] *Quero pois que vós saibais que de todo homem o cabeça o Cristo é, cabeça mas da mulher o homem, cabeça mas do Cristo Deus.*
[4] *Todo homem que ore ou profetize sobre a cabeça tendo, desonra sua cabeça.*
[5] *Mas toda mulher que ore ou profetize descoberta a cabeça, desonra sua cabeça: porque é o mesmo que a própria raspada.*
[6] *Porque se não se cobrir a mulher, que deixe cortar (o cabelo); se porém é vergonhoso para mulher o cortar ou raspar, que se cubra.*
[7] *Porque o homem não deve cobrir a cabeça, imagem e glória de Deus sendo; mas a mulher pois glória do homem é.*
[8] *Porque não é homem (tirado) de mulher, mas mulher por causa de homem.*

[9] *E porque não foi criado homem por causa de mulher, mas mulher por causa de homem.*
[10] *Por isso deve a mulher autoridade ter sobre a cabeça, por causa dos anjos.*
[11] *Todavia nem mulher sem homem, nem homem sem mulher no Senhor.*
[12] *Porque assim como a mulher (tirada) do homem, assim também o homem através da mulher, mas tudo (provém) de Deus.*
[13] *Entre vós mesmos julgai: é conveniente uma mulher descoberta orar a Deus?*
[14] *A natureza mesma não vos ensina que um homem deixar crescer o cabelo desonra para ele é,*
[15] *mas uma mulher se deixar crescer o cabelo, glória para ela é? Porque o cabelo (comprido) como cobertura foi dado (a ela).*
[16] *Se porém alguém parece ser contendioso, nós não temos este costume nem as igrejas de Deus.*

ANÁLISE CRÍTICO-LITERÁRIA

Kümmel (1982) e Wegner (2001) esclarecem-nos que o gênero 'cartas' compreende 21 dos 27 livros do Segundo Testamento, representando quase 80%, o que comprova as cartas serem o gênero mais freqüente da Bíblia Cristã.

De acordo com Dibelius (*apud* WEGNER, 2001, p. 169), "os gêneros literários estão estritamente ligados às necessidades e tarefas das comunidades primitivas". Para Gunkel (*apud* WEGNER, 2001, p. 174), existem quatro perguntas essenciais para determinar o lugar vivencial de um gênero: quem é a pessoa que fala; quem são os ouvintes; que atmosfera é determinante na situação e que reação é intencionada.

A perícope 1 Cor 11, 2-16 é um texto discursivo, cujo gênero literário é denominado carta. Kümmel (1982), Carrez (1993) e Wegner (2001), como a maioria dos críticos, admitem como incontestável a autenticidade paulina de 1 Cor.

O lugar vivenvial de nossa perícope é o culto. Ela é um texto escrito por Paulo à comunidade cristã em Corinto para responder perguntas que recém-convertidos tinham a respeito de diversos comportamentos. Notamos que, na primeira carta aos coríntios, Paulo tinha como intencionalidade explícita tanto comunicar e instruir quanto exortar.

Estudo de Palavras-Chave

Cabeça

Taylor (1991) informa-nos que *kephalé* significa cabeça. De acordo com Gilmer, Jacobs e Vilela (1999), *kephalé* aparece 364 vezes em toda a Bíblia. Segundo Coenen e Brown (2000), *kephalé* aparece 75 vezes no Segundo Testamento e mais comumente no seu sentido básico de cabeça de homem, animal ou demônio. A cabeça é citada também como símbolo de honra e de dignidade ou como símbolo de vergonha. Na hierarquia Deus-Cristo-homem-mulher, cabeça tem o sentido de fonte ou origem e não de chefe ou governador.

Cabelo

Segundo Taylor (1991), *kóme* quer dizer cabelo (comprido) como ornamento. De acordo com Gilmer, Jacobs e Vilela (1999), cabelo aparece 22 vezes em toda a Bíblia, sendo 16 vezes na Bíblia Hebraica e seis vezes no Segundo Testamento. No Primeiro Testamento aparece em Lv, Nm, Jz, 1 Sm, 2 Sm, Ct, Jr, Ez e Dn. No Segundo Testamento aparece em Mt, Lc, At e 1 Cor. Bíblias de estudo (Plenitude, Genebra) apresentam também Sl, Is e 1 Pe. No entanto, somente em 1 Cor e 1 Pe, *kóme* tem sentido de cabelo como ornamento.

Natureza

De acordo com Gilmer, Jacobs e Vilela (1999), a palavra *physis* (natureza) aparece 12 vezes no Segundo Testamento. Aparece 7 vezes em escritos paulinos: na Carta aos Romanos, Carta aos Coríntios, em Gálatas e em Efésios. Aparece também em Tiago e 2 Pedro. O conceito de *physis* é grego e, em especial, estóico, adotado pelo judaísmo helenístico e pelo pensamento cristão. Segundo Coenen e Brown (2000), *physis* equivale à ordem regular da natureza. A natureza é auto-suficiente. O destino é instável. A natureza e a Lei determinam a vida do ser humano. A natureza, por si mesma, não faz distinções entre gêneros por meio do comprimento do cabelo. Esta distinção é a Lei que estabelece. No entanto, é a Lei que deve se valer da natureza e não o contrário. Contudo, sabemos que pessoas tentaram e continuam tentando forjar a natureza para fundamentar suas Leis.

O que Paulo adverte quanto aos cabelos de homens e mulheres, segundo Coenen e Browm (2000, p. 1377), baseia-se nas Escrituras, na Hagadá e no pensamento estóico: "a natureza ensina que é degradante para um homem ter cabelos longos, enquanto, para a mulher, é assunto para se gloriar".

Paulo se fundamenta em princípios estóicos, nas Escrituras e no Hagadá a respeito do modo de usar os cabelos de acordo com um padrão que distingue o certo do errado e não na própria natureza, pois, segundo Foulkes (1993, p. 90), "a palavra natureza [...] deve ser tomada como referência a uma norma cultural, já que segundo a natureza fisiológica o cabelo dos homens e das mulheres cresce igual".

ESTRUTURA CONCÊNTRICA DE 1 COR 11, 2-16 FUNDAMENTADA EM FOULKES (1996, p. 282)

A [2] Louvo pois a vós porque tudo de mim recordais e conforme transmiti a vós a tradições conservais

B [4] Todo homem que ore ou profetize sobre a cabeça tendo, desonra sua cabeça. [5] Mas toda mulher que ore ou profetize descoberta a cabeça, desonra sua cabeça: porque é o mesmo que a própria raspada. [6] Porque se não se cobrir a mulher, que deixe cortar (o cabelo); se porém é vergonhoso para mulher o cortar ou raspar, que se cubra. [7] Porque o homem não deve cobrir a cabeça, imagem e glória de Deus sendo; mas a mulher pois glória do homem é.

a [4] Todo homem que ore ou profetize sobre a cabeça tendo, desonra sua cabeça.

b [5] Mas toda mulher que ore ou profetize descoberta a cabeça, desonra sua cabeça: porque é o mesmo que a própria raspada.

b' [6] Porque se não se cobrir a mulher, que deixe cortar (o cabelo); se porém é vergonhoso para mulher o cortar ou raspar, que se cubra.

a' [7] Porque o homem não deve cobrir a cabeça, imagem e glória de Deus sendo; mas a mulher pois glória do homem é.

B' [13] Entre vós mesmos julgai: é conveniente uma mulher descoberta orar a Deus? [14] A natureza mesma não vos ensina que um homem deixar crescer o cabelo desonra para ele é, [15] mas uma mulher se deixar crescer o cabelo, glória para ela é? Porque o cabelo (comprido) como cobertura foi dado (a ela).

A' [16] Se porém alguém parece ser contendioso, nós não temos este costume nem as igrejas de Deus.

A Tradição de Paulo (v. 2)

B Cabeça coberta ou descoberta: primeiro argumento (vv.4-7)

a Uso para o homem (v. 4)

b Uso para a mulher (v. 5)

b' Uso para a mulher (v. 6)

a' Uso para o homem (v. 7)

B' Cabeça coberta ou descoberta: segundo argumento (vv. 13-15)

A' Tradição das igrejas (v. 16)

O Quadrilátero nos dá indícios de que Paulo nessa situação argumenta em seu próprio nome, em nome da natureza e da Igreja quanto ao uso do véu, assim como cortar ou raspar o cabelo. Mulheres e homens cristãos querem usufruir da liberdade em Cristo que os livra de qualquer Lei que estabeleça ritos de fé como, por exemplo, circuncisão, ou ritos litúrgicos como uso de véu para mulheres, *talit* (xale de oração) ou *Kippá* (chapéu) para homens, comprimento do cabelo para ambos etc.

Não obstante Paulo tratar desse assunto argumentando em nome da natureza, deve estar se referindo aqui à tradição e aos costumes culturais da época. Segundo Foulkes (1993, 1996), quando Deus criou o ser humano determinou, *a priori*, distinções biológicas para diferenciar feminino de masculino. Essas distinções, de acordo com a autora, não incluem o tamanho do cabelo. Isso é de determinação cultural, caso contrário, Deus teria feito de maneira que somente o cabelo da mulher crescesse. Portanto, essa argumentação de Paulo com base na natureza não é convincente. Fica translúcida a idéia de que natureza, neste caso, quer dizer tradição.

QUADRILÁTERO SEMIÓTICO DE 1 COR 11, 2-16

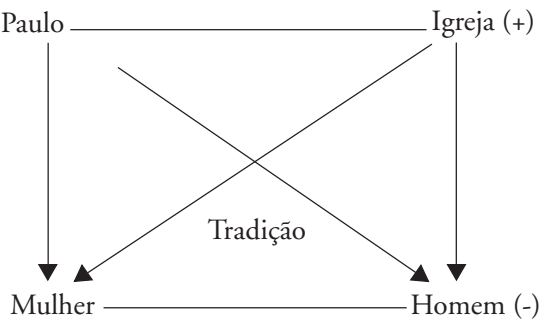


Figura 1: Sinopse do Quiasmo Concêntrico de 1 Cor 11, 2,16
Fonte: Foulkes (1996, p. 283).

COMENTÁRIO DE 1 COR 11, 2-16

Em 1 Cor 11, 2-16, Paulo aconselha homens e mulheres sobre os costumes de apresentação pessoal de protagonistas nos cultos como forma de autolimitação de liberdade cristã, pois homens e mulheres exerciam funções-chave nas congregações, orando e dirigindo a palavra por meio de profecia. No entanto, havia homens e mulheres que não queriam seguir o costume de

apresentação pessoal, inserindo neste meio costumes gregos e romanos (FOULKES, 1996).

Paulo, no versículo 2, elogia os fiéis por recordarem os conselhos dados por ele à comunidade cristã de Corinto e por conservarem as tradições conforme foram por ele transmitidas. Logo após essas ressalvas, já se dirige aos homens no versículo 4, dizendo que eles não devem cobrir a cabeça ao orar ou profetizar, reforçando sua opinião sobre isso no versículo 7a.

Seus argumentos a respeito disso são descritos, em primeiro lugar, teologicamente: "Porque o homem não deve cobrir a cabeça, imagem e glória de Deus sendo" (v. 7a). Em segundo lugar, são descritos de acordo com a natureza (tradição?): "A natureza mesma não vos ensina que um homem deixar crescer o cabelo desonra para ele é" (v. 14).

Não entraremos nos argumentos de Paulo em relação à hierarquia descrita nos versículos 3, 8 e 9, os quais nos remetem a Gênesis[8], pois o interesse deste estudo é verificar por que o homem tinha de usar cabelos curtos e não podia cobri-los, ao contrário da mulher.

A partir do século IV aC, homens judeus usavam um pequeno gorro sobre a cabeça quando oravam na sinagoga: "originalmente, cobrir a cabeça era sinal de tristeza, e não somente de adoração reverente" (CHAMPLIN, 2002, p. 168). Antes do primeiro século, um homem judeu jamais cobria a cabeça em cultos públicos, sendo que também "Paulo autorizou esse costume para a igreja cristã" (CHAMPLIN, 2002, p. 168).

Schüssler Fiorenza (1992, p. 265) e Foulkes (1996, p. 285) relatam que os homens que participavam dos cultos à Ísis tinham seus cabelos rente à pele. E Prior (2001, p. 192-3) nos informa que na Grécia do primeiro século homens e mulheres vestiam-se muito parecidamente, o que os diferenciavam era que as mulheres usavam um véu (*kalumma*) que cobria apenas a cabeça e no culto judaico eles sempre oravam com as cabeças cobertas. Diante disso, este autor aduz que Paulo dá um passo significativo em relação aos homens, autorizando-os a orarem com suas cabeças descobertas, como expõe o versículo 4.

A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2006) traz no rodapé que "cabelos longos denotavam a homossexualidade masculina". Segundo Foulkes (1993, p. 286), os homens queriam seguir o costume romano de cobrir a cabeça com a borda da toga (traje de cerimônia), hábito praticado por sacerdotes ou governantes quando celebravam cerimônia civil-religiosa. A autora ainda informa-nos que esculturas, imagens em moedas e documentos romanos comprovam que esse costume foi difundido nas religiões incorporadas ao Império. A classe governante romana de Corinto, bem como seus imitado-

res de classe alta, continuaram seguindo esta prática, ao contrário dos homens pobres que mantinham o costume grego de não cobrir a cabeça.

Paulo, certamente, não queria que os cristãos imitassem os costumes da elite romana que governava Corinto, logo, respaldava a prática das pessoas mais humildes da congregação, com o intuito também de evitar que homens de classe alta tivesse oportunidade de ostentar seu *status* superior perante os irmãos mais humildes (FOULKES, 1996, p. 287). Contudo, também era costume o homem judeu "usar o chapéu para entrar nas sinagogas e para fazer suas orações" (SILVA, 2002, p. 131).

Diante de tamanha diversidade de costumes, seria mais compreensível que Paulo então optasse pelo uso do chapéu, já que está mais ligado às raízes dele, ao invés de deixar a cabeça descoberta, uma vez que se trata de um costume grego?

Quanto à apresentação pessoal da mulher no culto, Paulo, nos versículos 5 e 6, aduz que

> *Toda mulher que ore ou profetize descoberta a cabeça, desonra sua cabeça, porque é o mesmo que a própria raspada.*
> *Porque se não se cobrir a mulher, que deixe cortar (o cabelo); se porém é vergonhoso para mulher o cortar ou raspar, que se cubra.*

E reforça dizendo: "A natureza mesma não vos ensina que [...] uma mulher se deixar crescer o cabelo, glória própria para ela? Porque o cabelo comprido como cobertura foi dado (a ela)" (v. 14).

Por um lado, percebemos, claramente, assim como Schüssler Fiorenza (1992, p. 268), Schottroff (1995, p. 108), Foulkes (1996, p. 283), Elliot (1998, p. 74), Grelot (1998, p. 63), Baumert (1999, p. 178), Richter Reimer (2000, p. 32), entre outros, que Paulo não questiona o protagonismo das mulheres no culto cristão, mas, por outro, tenta convencê-las de seguirem normas socioculturais.

Nas sociedades judaica e greco-romana, cabelo comprido, penteado, "com tranças que circuncidavam a cabeça como um boné" ou uma espécie de tiara (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2006; SCHÜSLLER FIORENZA, 1992, p. 266), com faixa, fita ou tule, com um adorno com pérola ou de ouro chamado "cidade de ouro" ou "Jerusalém de ouro", uma espécie de diadema cremada (JEREMIAS, 1983, p. 18-9) ou bem preso era sinal de dignidade feminina. Já cabelo solto significava estímulo erótico. Na tradição judaica, cabelo solto era o mesmo que a mulher estivesse nua (FOULKES, 1996, p. 284).

Tanto na sociedade judaica quanto na greco-romana, somente os homens usavam cabelo curto. A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2006) comenta em nota de rodapé que "cabelo curto denotava a homossexualidade feminina". Não era comum, tampouco correto àquela época, homens com cabelos compridos e mulheres com cabelos curtos ou raspados. A cultura do primeiro século determinava que era fundamental manter estigmas que distinguissem, notoriamente, os sexos.

Champlin (2002, p. 175) extraiu do Talmude um trecho que narra uma história que demonstra a importância do véu para as mulheres no antigo Israel:

> *As mulheres judias costumavam considerar uma imodéstia permitir que outros lhes vissem os cabelos. Por essa razão cuidavam, tanto quanto possível, em escondê-los sob uma cobertura. Certa mulher, sujo nome era Kimchith, tinha sete filhos; e todos ministravam como sumos sacerdotes. Os sábios lhe perguntaram de certa feita: Que fizeste, que é mulher tão digna? E ela respondeu: Todos os dias os caibros de minha casa nunca viram as madeixas de meus cabelos; isto é, nunca foram por qualquer pessoa, nem mesmo no interior de minha casa.*

A mulher com o cabelo solto tinha particularmente quatro significados para a comunidade de Corinto:

- indício de luto por causa de morte de ser querido (FOULKES, 1996, p. 284);
- infidelidade da mulher contra o homem. A Bíblia de Estudo de Genebra (1999, p. 1358) cita em comentário de rodapé Nm 5, 18 para exemplificar a prova pela qual a mulher infiel tinha de passar: "Apresentará a mulher perante o Senhor e soltará a cabeleira dela...". Nessa situação de adultério, a legislação israelita estabelecia que a mulher devia ser apresentada "também em público com os cabelos soltos como forma de punição" (FOULKES, 1996, p. 284-5);
- adoração à deusa Ísis, Afrodite ou ao deus Dionísio. A deusa Ísis era representada com uma "abundante cabeleira sobre o pescoço". Nos cultos à Ísis, as "mulheres usavam cabelos soltos e os homens, raspados". Nos cultos a Dionísio, deus do vinho, havia na celebração "ritos orgiástico-religiosos" (FOULKES, 1993, p. 88-9; 1996, p. 285). No templo de Afrodite, "as sacerdotisas eram prostitutas sagradas que estavam no templo a serviço do culto sexual" (SILVA, 2002, p. 126). Essas sacerdotisas usavam seus cabelos soltos.

A cabeça raspada simbolizava mulheres prisioneiras de guerra. Mulheres prisioneiras de guerra tinham suas cabeças raspadas como punição, expressão de humilhação, como dizem os seguintes textos bíblicos:

> *Quando saíres à peleja contra os teus inimigos, e o Senhor, teu Deus, os entregar nas tuas mãos, e tu deles levares prisioneiros, e tu, entre os presos, vires uma mulher formosa à vista, e a cobiçares, e a quiseres tomar por mulher, então a trarás para a tua casa, e ela raparás a cabeça, e cortará as suas unhas, e despirá a veste do seu cativeiro, e se assentará na tua casa, e chorará a seu pai e sua mãe um mês inteiro; e depois, entrarás a ela, e tu serás seu marido e ela, tua mulher. E será que, se te não contentares dela, a deixarás ir à sua vontade; mas, de sorte nenhuma, a venderás por dinheiro, nem com ela mercadejarás, pois a tens humilhado* (Dt 21, 10-14).

> *Diz ainda mais o Senhor: Porquanto as filhas de Sião se exaltam, e andam de pescoço erguido, e têm olhares impudentes, e, quando andam, como que vão dançando, e cascavelando com os pés, portanto, o Senhor fará tinhosa a cabeça das filhas de Sião e o Senhor porá a descoberta a sua nudez. Naquele dia, tirará o Senhor o enfeite das ligas, e as redezinhas, e as luetas, e os pendentes, e as manilhas, e as vestes resplandecentes; os diademas, e os enfeites dos braços, e as cadeias, e as caixinhas de perfume e as arrecadas; os anéis e as jóias pendentes do nariz; as vestes de festas, e os mantos, e as coifas, e os alfinetes; os espelhos, e as capinhas de linho finíssimas, e as toucas, e os véus. E será que, em lugar de cheiro suave, haverá fedor, e, por cinto, uma corda; e, em lugar de encrespadura de cabelos, calvície...*(Is 3, 16, 24).

Em relação ao uso do véu, no judaísmo, uma mulher era considerada decente, caso se apresentasse tanto na sinagoga quanto em público com o cabelo preso e com véu.

No entanto, a sociedade greco-romana não insistia nesse costume. Ora as mulheres apareciam usando parte de seus xales sobre a cabeça, ora apresentavam-se com a cabeça descoberta. Somente as mulheres de classes mais humildes e tradicionais se cobriam com o véu ao sair de casa (FOULKES, 1996, p. 286).

Segundo Hoover (1999), o véu simbolizava submissão no papel de esposas, mas também segurança, pois as autorizava a se apresentarem em público sem seus maridos. Porém, como na sociedade greco-romana esse

costume não era tão incisivo, algumas das novas crentes acreditavam que a liberdade delas em Cristo ultrapassava qualquer submissão à autoridade do marido, bem como ao contexto cultural em que viviam.

Conforme Foulkes (1993), é provável que as mulheres profetas achassem que ao celebrarem os cultos cristãos em suas casas, por não ser um lugar público, pudessem desempenhar seu papel na liturgia com a cabeça descoberta. Hoover (1999) ressalta, no entanto, que as mulheres precisavam de uma autolimitação quanto à sua apresentação pessoal para alcançarem autoridade para continuar exercendo o ministério delas, pois o uso dos cabelos soltos ou curtos causava confusão nas mentes dos não-crentes.

Fez-se importante investigar o simbolismo do uso do véu (vv. 5, 6) e o uso do cabelo comprido (v. 15) para compreendermos o que Paulo diz sobre tradição (v. 1), natureza (v. 14) e costume (v. 16). Com esse levantamento, vimos que cabelos soltos (sacerdotisas/iniciação sexual sagrada, mulher em luto, adúlteras), curtos (homossexuais, prostitutas) ou raspados (prisioneiras de guerra) eram contrários a uma boa apresentação feminina em se tratando de costumes judaicos e grego-romanos vigentes no primeiro século. Entretanto, o texto ainda deixa margem para uma leitura de que Paulo aconselha que mulheres usassem cabelos soltos compridos no lugar do véu (v. 15), bem como aconselha aos homens que devem usar os cabelos curtos descobertos, sem o *kippá* (v. 7, 14).

Diante disso, observamos que tradição, natureza e costume se referem a valores judaicos do Paulo judeu, educado com todas as observações da Lei, que ainda se manifestam no Paulo judeu-cristão. É bem provável que o Paulo judeu-cristão ainda sofresse (com)os impulsos do Paulo judeu, motivo pelo qual ele pode ter se sentido embaraçado e devolvido a questão para que a Igreja julgasse se era "conveniente uma mulher descoberta orar a Deus" (v. 13), embora sempre recomendasse à Igreja em relação à liberdade cristã o seguinte: " Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus nem para os gentios nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos" (1 Cor 10, 32-33).

Porém, mesmo entendendo que para Paulo tanto sua formação judaica quanto o costume judaico e greco-romano vigente à época fossem dois fortes motivos para insistir que pessoas cristãs seguissem normas de apresentação de pessoas honradas que os distinguissem de pessoas infames, 1 Cor 11, 2-16 continua controverso em si mesmo.

Quadro 1: Usos de Homens e Mulheres nos Mundos Grego, Romano e Judaico do I Século

Mundo	Homens	Mulheres
Grego	Não usavam véu. Raspavam suas cabeças em alguns cultos a deuses(as) como forma de iniciação.	Não usavam véu. Usavam redes ou lenços na cabeça ou xales que envolviam todo o corpo. Soltavam seus cabelos nos cultos a deuses(as).
Romano	Já cobriam a cabeça antes do aparecimentodo *tallit* judaico	Cobriam a cabeça.
Judaico	A princípio, usavam um *tallit* (xale de quatro pontas) sobre a cabeça, depois um *kippá* (pequeno gorro), nas sinagogas. Mantinham seus cabelos curtos.	Usavam véu em casa, na rua e na sinagoga.Não cortavam nem raspavam os cabelos.

Fonte: Schüssler Fiorenza (1992), Foulkes (1996), Champlin (2002), Zaidman (1990), Sheid (1990).

Quadro 2: Cabelos de Homens e Mulheres nos Mundos Grego, Romano e Judaico do I Século

Cabelos	Homens	Mulheres
Raspados	Sacerdotes de cultos mistéricos (infames)	Adúlteras, escravizadas, em luto (infames)
Curtos	Comum (honrados)	Homossexuais, prostitutas (infames)
Longos	Homossexuais (infames)	Decentes (honradas)
Presos		Decentes (honradas)
Soltos		Sacerdotisas praticantes de sexo sagrado; em luto (infames)

Fonte: Champlin (2002, p. 170), Koulkes (1996, p. 284ss), Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2006), Bíblia de Genebra (1999, p. 1.358).

Os argumentos diferenciados para homens e mulheres permanecem demarcados na superfície do texto. Paulo ressalta que diante do Senhor não há diferença entre homem e mulher (vv. 10, 11), mas deixa claro que perante a tradição há diferença. Segundo a tradição judaica, a mulher deve ter o cabelo comprido coberto com véu e o homem deve usar o cabelo curto com o *kippá*. Se este texto não fosse controverso em si mesmo, Paulo não empregaria um costume judaico somente para mulheres. Nos versículos a seguir, observando que nos versículos 4 e 7 Paulo permite que os homens não cubram suas cabeças e que o versículo 15 contradiz o 5 e o 6 deixando entender que o cabelo comprido substitui o véu, fica claro o pensamento de Paulo, que se contradiz em relação ao que requer somente das mulheres:

> *Todo homem que ore ou profetize sobre a cabeça tendo, desonra sua cabeça* (v. 4).
> *Porque 'o homem não deve cobrir a cabeça'...* (v. 7)
> *A natureza mesma não vos ensina que um homem deixar crescer o cabelo desonra para ele é...* (v. 14)
> *... toda mulher que ore ou profetize descoberta a cabeça, desonra sua cabeça: porque é o mesmo que a própria raspada* (v. 5).
> *Porque se não se cobrir a mulher, que deixe cortar (o cabelo); se porém é vergonhoso para mulher o cortar ou raspar, que 'se cubra'* (v. 6).
> *... mas uma mulher se deixar crescer o cabelo, glória para ela é? Porque o 'cabelo (comprido) como cobertura foi dado (a ela)' (v. 15)* (grifo nosso).

Percebemos no dialogismo do texto a polifonia de homens e mulheres que resistiam a modelos ideologicamente impostos pela cultura, pois fica claro que mulheres não queriam cobrir suas cabeças e que homens deixavam seus cabelos crescer (vv. 5, 14). Esse foi o caso de Tecla, que, segundo nos informa Meeks (1992, p. 116), de acordo com os Atos de Paulo e Tecla, corta "os cabelos bem curtos, veste-se como homem e sai para acompanhar Paulo como apóstolo itinerante".

Essa investigação contextual serviu para percebermos como era tratada a questão de gênero àquela época. Notamos que a ideologia patriarcal favorecia a distinção biológica de feminino e masculino, tida como diferença definida pela própria natureza, e não uma identidade construída histórica, social e culturalmente, de acordo com a experiência pessoal de cada ser humano (RICHTER REIMER, 2000).

Lingüística e exegeticamente, 1 Cor 11, 2-16 é coeso, mas incoerente, pois, segundo Wegner (2001, p. 99), o exame de coesão deve pressupor

que o autor redigiu seu texto "de maneira compreensível, coerente e lógica". Contradições ou quebras na linha de argumentação é um dos fatores que esse autor aponta como problema de coesão. E, de acordo com Costa Val (1991) devem ser avaliados três aspectos do texto para que ele possa ser bem compreendido: o formal (coesão), o semântico-conceitual (coerência) e o pragmático (atuação informacional e comunicativa). Só há textualidade quando essa seqüência lingüística é percebida como uma unidade significativa global por quem a recebe. Kock (1997) esclarece que a coesão é modo como os elementos lingüísticos são interligados na superfície textual; e coerência é a sua estrutura semântica, a configuração que denota sentido na mente dos interlocutores. Para Kock (1997), existem quatro fatores imprescindíveis à compreensão de coerência: continuidade, progressão, não-contradição e articulação para que o sentido global do texto seja garantido.

Diante dos levantamentos aqui apresentados e das argumentações expostas, nosso posicionamento é que, em se tratando da lingüística textual, ele é controverso em si mesmo, visto que tem coesão, mas é incoerente, contraditório, e, exegeticamente, seus ensinamentos em relação ao uso do véu ou do cabelo comprido tratam de uma tradição vigente no primeiro século em Corinto que, em perspectiva teológico-pastoral, não necessariamente precisa ser seguida hoje.

Referências

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CARREZ, M. *Primeira carta aos coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993. (Cadernos Bíblicos, 56).

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo...* São Paulo: Hagnos, 2002. V. 4.

COENEN, L.; BROWM, C. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*.Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2002.

CONCORDÂNCIA fiel do Segundo Testamento. São José dos Campos: Fiel, 1994.V.I.

ELLIOTT, N. *Libertando Paulo*: a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1998. (Biblioteca de Estudos Bíblicos). Título original: Liberating Paul: the justice of God ande politics of the apostle.

FOULKES, I. Conflitos na igreja de Corinto: as mulheres numa igreja primitiva. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 15, p. 85-97, 1993.

FOULKES, I. Invisíveis e desaparecidas: resgatar a história das anônimas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 25, p. 44-54, 1996.

FOULKES, I. *Problemas pastorales em Corinto*: comentário exegético-pastoral a 1 Corintios. San José: DEI, 1996. (Colección Lectura Popular de la Bíblia).

GILMER, T.; JACOBS, J.; VILELA, M. *Concordância bíblica exaustiva*. São Paulo: Vida, 1999.

GÖSSMANN, E. (Coord.) et al. *Dicionário de teologia feminista*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.

GRELOT, P. *A condição da mulher segundo o Novo Testamento*. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida, SP: Santuário, 1998.

HOOVER, T. R. *Comentário bíblico*: 1 e 2 coríntios. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1983.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Germany: Deutsche Bibelgesellsschaft, 2001.

RICHTER REIMER, I. Gêneros literários no Novo Testamento. In: _____. *Curso propedêutico em bíblia.* Material didático utilizado em sala de aula no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, fev. 2002.

RICHTER REIMER, I. Lembrar, transmitir e agir: mulheres nos inícios do cristianismo. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 22, p. 45-59, 1995.

RICHTER REIMER, I. *O belo, as feras e o novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RICHTER REIMER, I. *Vida de mulheres na sociedade e na igreja*: uma exegese feminista de atos dos apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1995. (Mulher Ontem e Hoje).

SCHOTTROFF, L. *Mulheres no Novo Testamento*: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Paulinas, 1995. (Mulher Ontem e Hoje).

SCHÜSSLER FIORENZA, E. *As origens cristãs a partir da mulher*: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.

WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*: manual de metodologia. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

Abstract: *exegesis of 1Cor11, 2-16 for a rereading of perícope in the context of issues of customs and traditions in the first century in order to understand how and why they are the cause influences in contemporary Christian churches.*

Key words: *Letters paulinas, cristianismos originating, customs and traditions, contemporary churches*

KEILA MATOS
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás (UCG). Doutoranda em Ciências da Religião na UCG. *E-mail*: kcmatos@yahoo.com.br